

■ NACIONAL

Espírito empreendedor chega à região do quilombo

Cortadores de cana e pescadores de Pernambuco se unem para escapar da miséria e conseguem triplicar a renda

Patrícia Raposo, de Bonito e Barra de Catuama

Dos 70 anos de sua vida, Luiz Lourenço da Silva dedicou 49 aos canaviais. Ao longo desse tempo, tinha que acordar às três da manhã e viajar uma hora na carroceria de um caminhão para chegar a tempo de encontrar cana para cortar. Se acordasse mais tarde, voltava para casa de mãos vazias. E, mesmo quando conseguia trabalho, o que ganhava só dava para comer.

Para mudar de vida, tentou um financiamento na cooperativa Tiriri, de trabalhadores rurais da Zona da Mata. A entidade falhou e o deixou em situação ainda pior. Em sua casa não havia nada além da cama, mesa, um fogão e algumas cadeiras. Mas as coisas mudaram. Hoje Lourenço acorda às 6 horas, vê televisão, toma água gelada e pode se dar ao luxo de comprar "uma roupinha". Vive do que planta. O que aconteceu?

"Hoje faço parte de uma comunidade organizada", explica. Lourenço mora no Engenho Moscou, no município pernambucano de Bonito, a 137 quilômetros do Recife. Bonito fez parte da área de abrangência do Quilombo dos Palmares, a lendária comunidade de escravos fugitivos, liderada pelo preto herói Zumbi no século XVIII.

O tempo passou, mas a mesma vida dura desses tempos de resistência sobrevive em Moscou. O local continua separado por uma estrada de terra da sede municipal, as famílias têm baixo poder aquisitivo, vivem em casas de taipa — técnica construtiva que utiliza barro e amarração com varas — e só agora estão conhecendo os benefícios da energia elétrica.

No entanto, foi justamente por essas características que Moscou acabou sendo beneficiado pelo Prorenda, um dos programas prioritários da cooperação Brasil/Alemanha. No programa, o governo de Pernambuco, através do Prorural, e a GTZ (Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit), a Sociedade Alemã de Cooperação Técnica, dividem responsabilidades e recursos. Desde 1990, quando o programa começou, foram investidos R\$ 14 milhões em 30 comunidades.

A história de Luiz Lourenço reflete bem o que tem acontecido em várias comunidades pobres de Pernambuco nos últimos três anos. Depois de muito tempo tentando se organizar em associações, cooperativas ou colônias de pesca, a maioria fracassou. As coisas só começaram



a mudar quando passaram a ser beneficiadas pelo Prorenda.

Graças a ele, várias localidades começaram a contar com crédito facilitado e algo tão ou mais importante que o dinheiro: noções de organização. O Engenho Moscou recebeu mais de R\$ 160 mil em investimentos para fruticultura irrigada e obras de infra-estrutura. O dinheiro deu frutos e os moradores puderam criar o seu próprio fundo rotativo. O saldo atual é de R\$ 2,5 mil. Parece pouco, mas para a comunidade é muito.

Para se ter uma idéia, foi com apenas R\$ 1.100,00 que o presidente da associação de agricultores local, Lenivaldo da Silva, comprou um terreno de 10 hectares e viu sua vida mudar. "Hoje vendo o que produzo, meus filhos estão na escola, minha casa foi reformada e tenho até televisão", conta o agricultor. A renda

das famílias beneficiadas pelo programa triplicou.

O fundo rotativo e a linha de crédito atendem aos agricultores com dificuldades em obter recursos nos bancos, boa parte mulheres e jovens que não dispõem de garantias formais. Em Moscou, o fundo foi criado com a contribuição de pessoas beneficiadas pelo crédito facilitado para plantar inhame e banana. Os juros são definidos pela comunidade. Nesse caso, são de 15% ao ano. O crédito facilitado tem cobrado taxas anuais de 10%.

Aos 63 anos, Marinês Francisca da Silva tomou dinheiro emprestado pela primeira vez. Como todos os seus vizinhos, trabalhava na cana. Hoje tem um terreno de dez hectares irrigados, no qual produz frutas e legumes. "Trabalhei 35 anos nos canaviais e nunca pude ter o que quis. Ainda não posso comprar o que que-

ro, mas sei que vou chegar lá. Já tenho a minha terra", diz. Ela faz parte do grupo de agricultores que vai fornecer frutas para as pequenas indústrias de polpa da região.

O programa trabalha no aperfeiçoamento dos produtores da Zona da Mata do Estado, onde predomina a cana-de-açúcar, visando torná-los auto-suficientes com a incorporação de novos conhecimentos técnicos e organizacionais. "A organização de uma comunidade é mais importante do que qualquer financiamento que ela venha obter para melhorar sua renda", afirma a coordenadora do programa, Ladjanne Ramos.

O Prorenda, além de beneficiar agricultores pobres, atua também no meio de colônias e outras associações de pescadores, que estão sendo atendidas ao longo do litoral pernambucano. A 78 quilômetros do Recife, em Barra de Catuama, na divisa com a Paraíba, 150 pescadores aumentaram o poder aquisitivo. Antes sobreviviam com um salário mínimo em média. Agora recebem cerca de R\$ 500,00 por mês.

A mudança começou quando conseguiram crédito para trocar as embarcações de madeira por outras de fibra de vidro, chamadas baiteiras.

A indústria pernambucana Fibrape aceitou fabricar o protótipo que posteriormente recebeu adaptações dos pescadores. Com as baiteiras, os pescadores agora podem entrar no mar todos os dias da semana durante o inverno, época do ano em que a falta de vento costumava retê-los em terra pelo menos cinco dias na semana. Como é mais leve e veloz, o novo barco permite manobras ágeis e melhor rendimento na pescaria.

A nova embarcação permitiu que os atravessadores — intermediários que forneciam barco e rede aos pescadores, exigindo em troca metade do pescado — fossem dispensados. Eles costumavam também comprar toda a produção dos pescadores e revendê-la aos varejistas com um ágio geralmente muito alto.

O presidente da associação de pescadores, José Carlos Alves, pesca há 40 anos e sempre teve dificuldades com capital de giro. Levou quatro anos juntando dinheiro para comprar seu primeiro barco e ainda assim vivia nas mãos de atravessadores. Está livre deles desde que

conseguiu trocar de barco e comprar sua própria rede.

Alves empenha-se agora na construção da sede social da comunidade, onde

pretende estimular o beneficiamento do pescado. Também vem convencendo as mulheres a se engajar na luta pela melhoria das condições de vida local. "Vamos abrir dez vagas para mulheres. Elas vão produzir salsicha, bolinho e hambúrguer de peixe, entre outras coisas, para ser vendido pela associação."

Josenildo Souza e Silva, engenheiro de pesca responsável pelo programa, diz, por sua vez, que além de melhorar os ganhos das comunidades de pescadores, o principal avanço tem sido o fim das atividades dos atravessadores. "Estamos trabalhando para tornar esses homens empreendedores capazes de gerar renda e potencializar a produção", comenta.

VIDA BRASILEIRA

Noções de organização foram tão importantes para as comunidades quanto o dinheiro para financiar os projetos